

Sidney Sanches

HEBREUS

SÉRIE ESTUDO DA BÍBLIA, VOL. 3

Copyright © Editora Saber Criativo, 2018.

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem a autorização prévia da editora.

Coordenação Editorial: Regina de Cássia Fernandes Sanches

Projeto Gráfico: Elissa Gabriela F. Sanches

1ª edição

1ª tiragem: 2018

S211e - Sanches, Sidney
Hebreus / Sidney
Sanches. Campinas: Editora Saber Criativo,
2018.
86 p.

1. Novo Testamento 2. Teologia Bíblica
1. Título

CDD: 230

CDU: 2-27

Editora Saber Criativo

Campinas – SP

Conheça outros títulos em:

<http://www.sabercriativo.com.br>

Dedico esta obra a minha mãe, dona Maria José,
e ao tempo que ela guardou minha antiga Bíblia,
até que eu voltasse a procura-la.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE 07

Introdução 09

Lição 1. Os Sermões de Hebreus 12

Um conjunto de pequenos sermões 12

O Deus que fala 14

Conclusão 15

Lição 2. Uma Fala de Salvação 17

Pecado e Salvação 17

Uma Narrativa de Libertação 19

Conclusão 20

Lição 3 A História dos Cristãos Judeus 21

Os lugares de Hebreus 21

Aquele (a) que fala 24

Aquele (a) que ouve 26

Conclusão 27

Lição 4. A História de Jesus e dos Cristãos Judeus 28

Jesus, o humano 28

Conclusão 31

Lição 5. A Imitação do Sofrimento de Jesus 32

Uma Pequena História 32

O Sofrimento de Jesus 34

Conclusão 36

Lição 6. Fé nas Promessas de Deus 37

As testemunhas 37
As Promessas de Deus 39
Conclusão 41

Lição 7. Ânimo, Coragem e Perseverança 42

Jesus, nosso maior exemplo 42
Conselhos do Pregador 45
Conclusão 46

Lição 8. A Disciplina para a Educação 47

A disciplina do Senhor 47
A Educação para a paz 49
Conclusão 51

Lição 9. Jesus, o Sumo-Sacerdote 53

Sofrimento por uma causa 53
Mirando em Jesus o Sumo-sacerdote 55
O Sacerdócio de Jesus 57
Conclusão 59

Lição 10. Hebreus 10. 1-14: a Necessidade do Sacrifício 60

Divisões de Hebreus 10. 1-14 60
O Sacrifício e sua importância 61
Conclusão 64

Lição 11. Hebreus 10. 5-10: O Sacrifício de Jesus Cristo 66

O Primeiro e o Segundo Sacrifício 67
O Sangue de Jesus Cristo 69
Conclusão 71

Lição 12. Hebreus 10. 11-14: Os Resultados do Sacrifício de Jesus Cristo 72

O Sacrifício derradeiro 73
“Saíamos até ele!” 75

Conclusão 77

Conclusão Geral 79

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE

As igrejas evangélicas atuais precisam fazer um retorno às Escrituras, não somente para recuperar este elemento fundamental da identidade protestante, mas para mais bem compreenderem sua fé e dar testemunho dela, como advertiu Pedro: “Antes, santifiquem Cristo como Senhor no coração. Estejam sempre preparados para responder a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês.” (1 Pedro 3:15). – Com isso, o apóstolo ensinou que todo cristão deve ser amadurecido em Cristo e deve estar preparado para testemunhá-lo no mundo. Esse preparo é prioritariamente por meio das Escrituras, pois é ela quem o apresenta a nós. Estudamos as Escrituras para conhecermos a Deus e sua revelação em Jesus Cristo, compreendermos a salvação providenciada por ele e realizada na história humana. Desejamos ter segurança da nossa fé, inclusive para a explicarmos às pessoas que passam por nossas vidas.

Como evangélicos, a Bíblia é a base da nossa fé, entretanto, ela precisa ser lida de modo contextualizado tanto na vida contemporânea como em nossa realidade latino-americana. É preciso que a leitura seja também agradável e acessível a todos. Este é o esforço que realizamos nessa série Estudo da Bíblia, que visa o aprofundamento dos (as) leitores (as) da Bíblia no conhecimento do seu conteúdo, com ênfase na história e

na mensagem das obras. Embora a linguagem seja simples o conteúdo é denso e demanda estudo atencioso.

Os livros dessa série podem ser estudados individualmente ou em grupo, podem servir à Escola Bíblica das igrejas locais, células ou pequenos grupos, cursos de estudo bíblico etc.

Assim, desejamos a você um bom estudo desse livro bíblico e que ele contribua para seu crescimento na fé!

Equipe do Saber Criativo

INTRODUÇÃO

O livro bíblico que você vai estudar é chamado *Epístola* aos Hebreus. Na verdade, se levarmos a sério as suas características literárias, não podemos chamar esse texto cristão judeu de *epístola*. Para que fosse assim, ele precisava de uma abertura epistolar, algo como um remetente, um destinatário e uma saudação. No caso de uma epístola cristã, também de uma ação de graças e menção das bênçãos de Deus, em Jesus Cristo, para a salvação dos leitores. Você poderá notar que o início do texto é bem diferente disso. As frases iniciais em nada identificam um início epistolar. Alguns estudiosos insistem em dizer que o documento original era uma epístola e que o seu início foi perdido com as sucessivas cópias. Mas, não precisamos forçar uma situação. Se lermos o início do Evangelho de João, veremos que ele é muito parecido com esse início do texto de Hebreus. É mais coerente admitir que nos encontramos diante da abertura de um texto de uma beleza inigualável, tal como a introdução do Evangelho de João.

Se o texto não é uma epístola, então do que se trata? O que chamamos de “epístola” aos hebreus, de fato, é uma “homilia” ou “sermão” aos hebreus. Como

sabemos disso? Observe que o autor não menciona, nenhuma vez, que está escrevendo, como fazem, por exemplo, os apóstolos Pedro e Paulo, em suas cartas. Ao contrário, ele recorre, todo o tempo, a verbos e pronomes pessoais que tem a ver com o uso da fala, recorrendo a contínuas interpelações dos seus ouvintes, como acontece quando falamos ou discursamos a um auditório.

Quando falamos a um grupo, é muito comum o uso variado de metáforas, imagens que comunicam um universo amplo de experiências pessoais e dos ouvintes, coisa muito comum no texto de Hebreus. O objetivo é causar impacto nos ouvintes, para que eles continuem prestando atenção ao discurso. A própria obra se apresenta como uma *palavra de exortação* (Hebreus 13.22), expressão usada em Atos 13.15 para indicar o discurso típico de comentário e explicação das Escrituras dos judeus, efetuado, todo sábado, na sinagoga, principalmente fora da Palestina.

No texto, também notamos o padrão de alternar seções exortativas e doutrinárias, um peculiar vai-e-vem que só é possível quando se está falando, não escrevendo, mais apropriado ao fluxo e refluxo de exposição e aplicação que vem logo depois. Realmente, o texto de Hebreus é muito parecido com a organização de um discurso, onde temos uma *introdução*, que os antigos chamavam de: *narrativo*; o anúncio do tema; a citação de um texto *escriturístico* como fundamento, chamado

pelos antigos de: *argumentatio*; acompanhado de um comentário expositivo seguido de exortação; finalizado com uma *conclusão*, que os antigos chamavam: *peroratio*.

Assim, quando você ler a *epístola* aos Hebreus, tente ler como um sermão pregado a um determinado grupo que o ouviu. Como planejar *falar* é diferente de planejar *escrever*, qualquer estudo que não leve isso em consideração tenderá, sempre, a obscurecer a desenvoltura com a qual o pregador entregou sua homilia na reunião.

Lição 1

Os Sermões de Hebreus

Mas, dizem alguns, o texto de Hebreus tem um final epistolar: 13.22-25, parecido com o de uma epístola, como os encerramentos das cartas de Paulo ou de Pedro. Essa questão da parte final do texto de Hebreus é bastante duvidosa. Este pode ser somente os versos 20 e 21, do capítulo 13, que cumpre muito bem o papel de terminar o tema principal do sermão. Os versos 22 a 25 fazem o papel de um bilhete anexado ao texto do sermão, depois que ele foi escrito, provavelmente a outro grupo diferente daquele que o ouviu, originalmente.

Um conjunto de pequenos sermões

Pense, então, no texto de Hebreus como uma série de pequenos sermões que, depois, foram reunidos pelo pregador, ou por alguém, ou alguns de seus discípulos, para compor o texto que temos, hoje. Em conjunto, eles começam falando da purificação dos pecados (1.3), resultante do sacrifício de reparação da aliança (10.18), e conclui, com a aplicação final do tema, visando confortar e encorajar seus ouvintes a viverem conforme a verdade anunciada pela Escritura (10.19-13.21).

Veja, abaixo, um modo de descrever essa organização geral do sermão aos hebreus:

Capítulo 1.1–2.4 – a posição superior do Filho como mediador de salvação.

Capítulo 2.5-18 – *texto-base: Salmo 8.5-7*: a condição humana do Filho torna-o digno da confiança dos ouvintes.

Capítulos 3.7-4.11 – *texto-base: Salmo 95:7-11 para a leitura de Êxodo 17.7*: o Filho introduz os ouvintes ao descanso prometido.

Capítulo 7.1-28 – *texto-base: Salmo 110:4 para a leitura de Gênesis 14.17-20*: a condição pela qual o Filho é mediador da purificação dos pecados.

Capítulos 8.8-10.18 – *texto-base: Jeremias 31:31-34 para a leitura de Êxodo 24.6-8*: a realização da purificação dos pecados pelo Filho a partir do estabelecimento da nova aliança.

Capítulo 10.35-11.40 – *texto-base: Habacuque 2.4 para a leitura de Gênesis 15.1-6 e 22.1-19*: a fé no Filho deve ser vivenciada continuamente entre os ouvintes.

Capítulo 12.5-13 – *texto-base: Provérbios 3.11,12 para a leitura de Deuteronômio 8.5*: à semelhança do Filho, os ouvintes devem sujeitar-se às correções do Pai.

Capítulo 12.18-29 – *texto-base: Êxodo 19:12,13*: os ouvintes foram introduzidos pelo Filho na cidade celestial e devem permanecer ali.

Capítulo 13.1-25 – *conclusão com resumo final*: exortação a prestar atenção ao discurso e bilhete anexo.

O Deus que fala

Desse modo, a vantagem de ler o texto de Hebreus como um sermão está no fato de acompanhar com mais facilidade a evolução do raciocínio do pregador. Iniciando pelo tema de abertura do sermão, temos dois sujeitos: *Deus, que falou e fala*, e um *Filho, que realizou a purificação dos pecados*. Antes que teorizar acerca da fala de Deus, o pregador recorda a sua manifestação na antiga história dos hebreus. Ao falar, Deus comunicou algo que requereu os atos de ouvir e agir daqueles aos quais falou, representada na *fórmula da aliança*. Assim, a fala divina diz respeito a uma aliança composta de promessa e resposta. Sua fala é o alicerce para se entender o que aconteceu com os hebreus desde a experiência recente da aparição do Filho. Como no passado, Deus falou pelos profetas, hoje ele fala por um Filho. Realizada no final dos tempos, a fala de Deus é promessa que carece de cumprimento. A fidelidade de Deus, assegurada na ação do Filho, é a garantia de que a promessa não falhará.

Ao agir, o Filho se identifica com aqueles que pecaram, os quais se tornaram inabilitados para o culto a Deus, impedidos de se aproximarem dele. A solução, conhecida desde antigamente, é o sacrifício que purifica os pecados ou que limpa as manchas. Utilizada pelos antepassados, o antigo rito sacrificial foi considerado provisório e de fracasso comprovado, pois manteve os que a realizavam na ignorância do perdão divino. No entanto, é aproveitada para esclarecer o ato executado pelo Filho, melhor e superior quanto à eficácia na concessão do perdão. A ação do Filho estabelece uma nova fala de Deus, substanciada em uma nova promessa, que estabelece uma nova aliança, que reclama uma nova resposta da parte dos que a ouvem hoje, efetuando-se a sua *tão grande salvação!*

Conclusão

É importante, assim, advertir aos ouvintes para que prestem toda a atenção ao que Deus falou pelo Filho. A atitude dos antepassados ilustra bem o que os ouvintes atuais devem fazer. Aqueles deixaram passar pelo lado do ouvido o que Deus disse e colheram o fruto da sua violação. Esses receberam a nova fala de Deus através do Filho/Senhor, que lhes foi transmitida pelos primeiros que o ouviram e por seus guias originais. Os ouvintes são advertidos para que tenham uma atitude diferente para

com a palavra ouvida, a fim de obter a recompensa: *tão grande salvação!* Isso significa, na prática, responder a Deus que faz a promessa de uma nova aliança com eles. Assim, Deus e os seres humanos formam uma sociedade comunicativa. Nesta, impõem-se obrigações mútuas, que formalizam alianças, que vinculam os falantes uns aos outros, fazendo-os participantes de um objeto e objetivo comuns, neste caso, a salvação.

Lição 2

Uma Fala de Salvação

O sermão aos hebreus é uma narrativa de salvação, conta a história da salvação dos hebreus efetuada pelo Filho. Seu motivo central é a libertação e aliança efetuada por Deus no antigo êxodo das tribos hebreias, conforme relatada em suas antigas Escrituras, a partir da memória de seus antepassados. Mesmo livres em sua terra, sabemos, pelos antigos profetas, que o povo hebreu, constituído como uma nação e, depois, um reino, desenvolveu outro tipo de escravidão chamado pecado, alimentada pela rebelião contra Deus que os tirara da escravidão física, no Egito. Para eles, a existência do povo de Deus em pecados equivalia a um retorno à escravidão anterior, e apenas um novo sacrifício de perdão, como foi a páscoa, no Egito, poderia efetuar a contínua libertação dos pecados, e re-fazer a consagração permanente do povo de Deus à existência na aliança.

Pecado e Salvação

A fala de Deus acerca da salvação dos ouvintes é representada *parabolicamente* por uma visão ritualística

da existência humana, isto é, eles devem se aproximar de Deus para dar-lhe seu culto. Os pecados são um impedimento para que tal aconteça e torna-se necessário algum ato mediador, um sacrifício, para que eles sejam removidos e a aproximação ocorra. O pregador argumenta de três modos:

Primeiro, temos o *Argumento Teológico*: Deus estabeleceu uma aliança com o antigo Israel; dela constava um culto com um sistema legal de oferendas pelas quais era possível aproximar-se de Deus. Mas Deus rejeitou esse sistema como insuficiente e falou uma nova aliança baseada em uma única oferenda superior a todo o sistema anterior.

Segundo, o *Argumento Cristológico*: o estabelecimento e manutenção da nova aliança só foi possível devido a um sacrifício melhor, isto é, à aparição e auto-oferenda do corpo e sangue de Jesus Cristo, tornado o seu mediador.

Terceiro, temos o *Argumento Soteriológico*: devido à sua eficácia superior, os pecados dos adoradores foram definitivamente removidos, eles foram consagrados a um novo relacionamento com Deus, sendo santificados para aproximar-se dele e cultuá-lo para sempre.

Esse triplo argumento permitiu aproximar a narrativa da vida de Jesus das narrativas das vidas dos hebreus e, por extensão, de cada ser humano. Existem narrativas que funcionam como esquemas para a

existência humana, ajudando os seres humanos a descreverem os acontecimentos que os cercam, dar-lhes algum significado, que possibilite ações consequentes que se devem realizar no mundo. Ao efetuar certos enunciados ou discursos os seres humanos não estão apenas *embaralhando palavras*, mas estão aderindo a motivos fundamentais pelos quais vivem e morrem, o que explica a formação de grupos humanos dedicados a preservar e disseminar suas narrativas.

Uma Narrativa de Libertação

Da libertação física da escravidão no Egito, temos a transferência de sentido para a libertação da escravidão ao pecado. Lembre-se da visão de Isaías:

“Eu disse então: ‘Ai de mim! Estou perdido, sou um homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de lábios impuros, e meus olhos viram o rei, o Senhor de todo poder’. Um dos serafins voou para mim, tendo na mão uma brasa que recolhera com pinças de sobre o altar. Com ela tocou-me a boca e disse: ‘A partir do momento em que isto tocou os teus lábios, a tua falta está removida, teu pecado está apagado’” (Isaías 6:5-7).

Chamamos essa mudança de pensamento de *narrativa parabólica*, pois permite ver algo da realidade não perceptível se somente se presta atenção às imagens

físicas das palavras. Assim, o pregador pode falar da *aparicação de Jesus Cristo*, segundo o anúncio confiável recebido das testemunhas originais. A narrativa de vida de Jesus Cristo se torna uma salvação para os hebreus e, qualquer outro ser humano, isto é, liberta os que a ouvem para que experimentem toda a novidade de salvação e lhes abre e amplia o sentido para sua existência no mundo, assim resumida: *Deus fez uma nova aliança conosco ao nos libertar dos pecados quando aceitou a auto-oferenda da vida inteira de Jesus Cristo, inclusive seu corpo e sangue, desde a qual vive-se uma nova existência no mundo.*

Conclusão

Agora, você está habilitado para a leitura do sermão aos hebreus, que será feita nas páginas seguintes. Só podemos desejar a você a guia do Espírito Santo para uma leitura proveitosa e edificante.

Lição 3

A HISTÓRIA DOS CRISTÃOS JUDEUS

Muita gente estuda a “epístola” aos Hebreus devido a seu ensino acerca do significado de Jesus Cristo para nós, cristãos, isto é, seu sumo sacerdócio e sacrifício. Eles não estão exatamente interessados na história mesma que ela conta. Nós faremos o contrário: recontaremos aquela história para entendermos porque Jesus Cristo é apresentado como sumo sacerdote e sacrifício. Assim, comecemos.

Os lugares de Hebreus

Existem, na história, aquelas pessoas das quais se fala porque elas realizaram alguma coisa ou estão presentes de alguma maneira. Elas são muitas. Em Hebreus, por exemplo, começando do capítulo 1 apenas, nós temos: Deus, antepassados, profetas, filho, anjos. No capítulo 2 temos: um *nós* que sugere quem fala e aqueles que o ouvem. Anjos, novamente. O Senhor e seus ouvintes. Deus, o Espírito Santo. Jesus, os irmãos de

Jesus, o Diabo, Abraão, o sumo sacerdote. É possível continuar essa lista até o capítulo 13.

Essas pessoas não existem no ar, elas habitam um lugar onde vivem suas vidas e, portanto, onde *montam* um lugar para vive-las. Dá para imaginar esse lugar quando observamos algumas *pistas* que aparecem na história. Por exemplo, não há nenhuma palavra que indique que esse texto foi escrito para ser lido, mas há muitas palavras mostrando que ele está sendo falado a pessoas que ouvem, o que aponta para um ambiente onde se faz um sermão, onde se pregam as Escrituras.

Depois, as muitas referências às Escrituras (trechos do nosso Antigo Testamento), seguidas de comentários, mostra que está havendo um ensino ou exposição de algo que elas contêm. Ainda, o apelo imediato a uma resposta daqueles que ouvem indica que eles estão bem de frente para aquele que prega. E aquele que fala explica o que está fazendo, trata-se de uma *palavra de exortação* (13:22). Isso quer dizer um sermão em uma reunião de judeus, agora cristãos, pois estão interessados em saber mais sobre o Messias Jesus de Nazaré, chamada sinagoga. Há, no próprio texto, muitos outros cenários que você bem pode visualizar, pois um cenário é exatamente isso, uma cena, algo que se vê.

Dá para afirmar que eles estão reunidos lá para os meados do século 1. Jerusalém ainda não foi cercada,

invadida e destruída pelos exércitos romanos, e eles estão reunidos em um de seus subúrbios fazendo o seu culto. Eles estão muito voltados para o passado, pois falam dos seus antepassados que saíram do Egito; da construção do tabernáculo, o templo portátil no deserto; da regulamentação do culto por meio da realização de sacrifícios; dos problemas causados pela incredulidade quando atravessaram o deserto e de suas consequências.

Eles, também, estão muito voltados para as primeiras lembranças do tempo no qual ouviram a mensagem acerca do Messias Jesus de Nazaré e de tudo que o que aconteceu a eles nesse período. Seus líderes estão bastante preocupados com o presente, o hoje, pois já não percebem a mesma disposição inicial de permanecer firme na mensagem, seja qual for o preço. Alguns já se afastaram deles. Na verdade, eles estão entre aquele *muito tempo atrás*, quando Deus falou aos seus antepassados nos profetas, e o *hoje*, quando Deus falou em um filho. O que vai acontecer daqui para a frente? As coisas podem piorar ou podem melhorar, mas a atitude deles dependerá do efeito que essa pregação pode ocasionar.

Dá para notar por quantos lugares os ouvintes foram levados enquanto ouviam aquele que falava a eles. Você, sozinho(a), pode ler todo o sermão e fazer uma lista de todos eles. Mas existe um lugar, ou dois, que será muito importante que você reconheça: o tabernáculo ou

templo para onde se dirigiam os hebreus quando queriam adorar ou cultuar a Deus. É verdade que os antepassados teriam vários desses lugares, mas é verdade, também, que o interesse aqui é no que se faz nesse lugar: adorar a Deus por meio da oferenda, do sacrifício. Esse lugar é dividido em dois: o primeiro lugar, o Lugar Santo; o segundo lugar, para o qual esse dava passagem, o Lugar Mais Santo.

Aquele (a) que fala

Foi possível notar que ler esse sermão quer dizer conhecer uma história, a do pregador e seus ouvintes e leitores cristãos judeus. Mas, por meio dela, é possível ter acesso a muitas outras histórias que dizem respeito àquelas pessoas. Uma história não é uma história se não podem ser contadas as ações dos personagens, isto é, o que acontece.

Há, aqui, duas sequências: primeira, as coisas que estão acontecendo na vida dos cristãos judeus e como eles estão reagindo a elas. Segunda, uma sequência imaginária, mas bastante real, de ações que aconteciam no tabernáculo ou templo, quando o culto era realizado e os sacrifícios oferecidos. Até um dia especial é encenado: o Dia Nacional do Perdão dos Pecados, onde um sacrifício especial era oferecido, uma única vez por ano, no Lugar Mais Santo. Esse dia envolvia todo o povo e os

ocupava desde o dia anterior até o final do dia seguinte. Nele, se trata de conseguir o perdão de Deus para todos os pecados que separavam aquelas pessoas dele e poderia impedir que ele os aceitasse.

O pregador e os ouvintes: Qual o nome daquele que fala? Essa é uma pergunta que já tem dois mil anos e até hoje não se conseguiu responder. Ele (ou ela) é uma pessoa muito importante para aqueles cristãos judeus, pois os conhece desde o início, “quando foram iluminados”, como diz. É alguém muito culto e capaz, conhece bem as Escrituras dos seus antepassados, pois ele também é um judeu muito estudioso.

É também um cristão, pois afirma categoricamente que Jesus Nazareno é o Messias. É muito interessado no culto realizado no templo, nos sacrifícios e nas suas prescrições estabelecidas segundo a Lei de Moisés. Sabe falar muito bem e é bastante convincente quando comenta as Escrituras apontando sempre que elas se realizaram no Messias Jesus de Nazaré.

Tem um amor ardente pelos seus ouvintes e fala bastante empenhado em convencê-los de que não tomaram a decisão errada quando aceitaram a mensagem. Mais que tudo isso, ele tem uma crença firme de que toda a vida, dele e de seus ouvintes, está baseada na aliança que Deus fez com seus antepassados. Essa

aliança, melhor dizendo, esse testamento, consistia numa promessa de que Deus seria o seu Deus, e de que eles seriam o povo de Deus. Isso regulamentava o nascimento, a vida e a morte de cada judeu e as suas relações com tudo o mais que o cercava. É com essa certeza inabalável que ele prega aos seus ouvintes.

Aquele (a) que ouve

Quanto a esses, a história é um pouco mais complicada. Esta pode ser contada como qualquer outra história, como se existisse um Ontem, um Hoje e um Depois.

Ontem

Em algum momento, não muito depois da morte e ressurreição de Jesus, os judeus ouviram a mensagem acerca dele por algumas pessoas que a ouviram, por sua vez, diretamente de Jesus (2:3,4). Nesses primeiros dias, a mensagem foi uma iluminação para eles, mas lhes trouxe muitos problemas e sofrimentos. Algumas vezes, eles passaram por vergonha pública, sendo insultados, ao serem reprovados pela decisão de aceitar a mensagem. Outras vezes, foram outros os maltratados, aos quais eles mostraram apoio público e por isso também foram maltratados. Eles mostraram apoio a alguns que foram presos devido à aceitação da mensagem. Às vezes, as coisas se complicaram mais e eles mesmos sofreram a ação das autoridades, que lhes tiraram os bens como

castigo por não abandonarem a mensagem, uma atitude considerada passível de punição legal. Era o preço que eles pagaram, com alegria, por haverem recebido a mensagem (10:32-34).

Hoje

Depois de algum tempo, a situação não mudou muito. Alguns, dentre eles ou não, continuavam sendo presos e outros a sofrer maus tratos (13:3). Mas, parece que a atitude deles mudou, como se a antiga alegria se fora, ainda que continuassem a fazer as mesmas coisas (6:10,11). Parece que caíram em uma terrível apatia, que é quando se faz as coisas por fazer, sem sentimento ou paixão, uma atitude que poderia conduzi-los à negligência, isto é, indiferença quanto às dificuldades que continuavam a envolvê-los (2:1; 6:4-8; 12:4-11). Essa era a sua tentação atual (2:18; 4:15).

Depois

O certo a fazer seria manter a atitude que tinham no começo. e, por isso, desvencilhar-se daquela conduta que os impedisse ou atrapalhasse (10:36; 12:1,12; 3:14). Por que deveriam fazê-lo? Por que Deus lhes prometera que os colocaria no seu descanso (4:1,9-11; 6:13-18). NO que ele disse deveriam confiar inteiramente (3:14,15;10:35). Essa promessa era a herança (6:12) e a esperança (6:11,18,19;10:23) que eles possuíam agora.

Conclusão

A essa altura, você deve se perguntar: onde Jesus entra nessa história?

Lição 4

A HISTÓRIA DE JESUS E DOS CRISTÃOS JUDEUS

Jesus é um exemplo que os cristãos judeus deveriam imitar, pois a vida dele foi muito parecida com a deles, isto é, ele sofreu bastante como eles estavam ainda sofrendo (13:13)

Essa semelhança entre o sofrimento de Jesus e aquele dos cristãos judeus é bastante enfatizada pelo pregador. Ele ensina que porque Jesus sofreu, ele está em condições de entender, compadecer e auxilia-los. Ainda serve para explicar que porque o sofrimento de Jesus foi consequência de uma escolha que ele fez, sua atitude também serve para estimula-los, para que não desanimem quando a escolha de aceitar a mensagem lhes trouxe, e ainda traria, vergonha, desprezo e humilhação no meio onde viviam.

Agora, leia o capítulo 2:5-18 e acompanhe o estudo a seguir.

Jesus, o humano

No capítulo 2, versos 5-8, o pregador fala de um certo jeito de ver Jesus. Ele é filho de Deus, não um anjo de Deus. Portanto, a ele caberá o governo do mundo que virá (Leia atentamente o capítulo 1:4-14 e você entenderá bem essa diferença). “Mas, e agora, como vemos a Jesus?”, pergunta o pregador a seus ouvintes. E ele responde: “Como se fosse menor que os anjos!” (2:9). Por que? Veja a explicação que ele dá usando o Salmo 8:4-6.

Capítulo 2:6-8 (Salmo 8:4-6)	Capítulo 2:8-9
Tudo sujeitaste debaixo dos seus pés (v.8)	Agora não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas (v. 8)
Tu (Deus) o (ao ser humano, conforme o v. 6) fizeste um pouco menor que os anjos (v. 7)	Vemos aquele que por um pouco foi feito menor do que os anjos, Jesus (v. 9)
E o coroaste (ao ser humano, conforme o v. 6) de glória e de honra (v. 7)	Coroados de honra e de glória (v. 9)
	Por ter sofrido a morte, para que, pela graça de Deus, em favor de todos, experimentasse a morte (v. 9)

A ordem dos acontecimentos parece um pouco fora de lugar. Vamos tentar deixar as coisas um pouco melhor. No caso do Salmo 8:4-6, Deus criou o ser

humano quando os anjos já existiam e o fez menor que eles, porém lhes deu algo que não deu aos anjos, que foi o domínio de tudo o que o cercava. Apesar de tudo isso, ele morre, pois é feito de carne e sangue (veja o verso 14).

No caso do comentário que o pregador faz, ele não vê o ser humano, mas vê Jesus, é dele que o Salmo está falando agora. Jesus, como seu próprio nome indica, foi um ser humano, um homem, feito de carne e sangue, que morreu. Experimentar a morte foi a mesma coisa que ser derrotado pelo Diabo, aquele que detém o poder da morte (veja, de novo, o verso 14). A morte não fazia parte do plano criador de Deus, foi uma circunstância ocasionada pela entrada desse intruso na história, e Jesus a sofreu como qualquer outro ser humano a sofre. Veja, como são importantes as frases: participar da condição humana (v. 14) e se tornar semelhante em tudo a seus irmãos (v. 17a)?

E para quê? Para se tornar sumo sacerdote diante de Deus e oferecer um sacrifício que permitisse a Deus o perdão dos pecados dos seres humanos. O verso 10 afirma que, por meio do sofrimento, Deus tornou Jesus perfeito, e você pode entender isso como capaz de ser um sumo sacerdote que realizasse esse sacrifício em favor do perdão. O verso 18 conclui dizendo que seu sofrimento foi absolutamente necessário por causa dessa nova posição diante de Deus: ele mesmo sofreu quando tentado pelo sofrimento, à semelhança dos seres

humanos que sofrem quando são tentados pelo sofrimento. Ele, porém, pode ajuda-los a superar essa tentação porque ele mesmo a sofreu e a superou.

Conclusão

Vamos resumir o que ele disse até aqui: Jesus é o nome de um ser humano, igual a qualquer outro, para quem Deus tinha um propósito especial: torna-lo um sumo sacerdote que oferecesse um sacrifício pelo perdão dos pecados dos demais seres humanos. Sendo um deles, Jesus sofreu e morreu como eles sofrem e morrem. Isso era a mesma coisa que experimentar a ação do diabo, já que essas experiências ruins eram provocadas por ele no intuito de escravizar os seres humanos. Tendo experimentado essas coisas, Jesus se tornou capaz de entender e ajudar os seres humanos no seu sofrimento. É por meio dessa experiência que ele cumpriu as duas exigências necessárias para ser o sumo sacerdote que Deus quis: ser misericordioso e fiel para Deus, e capaz de oferecer o sacrifício pelo perdão dos pecados dos seres humanos.

Lição 5

A IMITAÇÃO DO SOFRIMENTO DE JESUS

Algumas palavras nos chamam a atenção, aqui: Deus, Jesus, ser humano, diabo; sofrimento, morte, tentação e socorro; salvos, filhos, santificados, irmãos, descendentes de Abraão, povo; derrotar, libertar, escravizar. Essas palavras são importantes na história que contaremos abaixo.

Uma Pequena História

Há uma pequena história sendo contada aqui! Ela começa por *Deus*, que é o início de toda e qualquer ação, pois é por causa dele e por meio dele que tudo existe (2:10a). É ele quem sujeita todas as coisas a Jesus (2:5,7b), torna Jesus menor que os anjos (2:9) e quem dá graça a Jesus para que ele experimente a morte em favor de todos (2:9). Deus sempre atua em ou por meio de *Jesus*. Deus o torna perfeito ao experimentá-lo no sofrimento para que seja o autor da salvação dos demais filhos (2:10b), o santifica para que santifique aos seus

irmãos (2:11) e para torna-lo um sumo sacerdote fiel e misericordioso diante de Deus (2:17).

Tudo que Deus realiza em ou por meio de Jesus é em favor dos *seres humanos*, pois agindo em Jesus, Deus os salva (2:10b), os santifica (2:11), os liberta da escravidão ao medo da morte e ao diabo (2:14). Eles são chamados descendentes de Abraão (2:16) e povo de Deus (2:17). Para esses, há um benefício adicional no sofrimento e morte de Jesus, pois ele é capaz de avaliar o sofrimento do povo de Deus e auxiliá-los ou socorrer-los.

O *diabo* também atua junto aos seres humanos como seu adversário e, conseqüentemente, também o é de Deus e de Jesus. Ele exerce um domínio aterrador: o medo da morte (2:14) que provoca uma escravidão total a ele (2:15). Ele é derrotado quando Jesus morre (2:14), o que permite a libertação da escravidão dos seres humanos (2:15).

Qual o objetivo de se contar essa história? Veja como nós, seres humanos, tememos a experiência do sofrimento e da morte. Há pessoas que fazem qualquer coisa para ficar livres dela. Esse medo avassalador é obra do diabo, não de Deus. O autor quer nos convencer de duas coisas, então: que Deus age para nos libertar dessa escravidão, tirando-nos o medo dessas coisas e, assim, desfazendo o medo do próprio diabo; que sua ação não poderia ser feita *de fora* da experiência humana, mas *de*

dentro. Teria que ser alguém que experimentasse o sofrimento e a morte, todo o terror que significavam, e vencesse esse terror de modo a mostrar aos demais seres humanos que essa manipulação do diabo não era algo invencível.

É claro que a morte de Jesus foi, então, um confronto com o diabo no qual esse saiu derrotado. Isso aconteceu porque sua morte foi oferecida a Deus como uma espécie de sacrifício em favor dos pecados do seu povo. Veja que há uma relação muito próxima, assim, entre a morte e o sofrimento, o diabo e os pecados. Se esses fossem removidos, o medo dos sofrimentos e da morte se tornaria desnecessário e o diabo perderia seu poder sobre os seres humanos. E assim aconteceu. Para que o sacrifício pudesse ser oferecido, Jesus deveria ser um sumo sacerdote, pois era assim que a religião daquelas pessoas funcionava. E foi isso que aconteceu.

Sofrer ou experimentar a morte trouxe um benefício adicional aos seres humanos: educado pelos sofrimentos e pela morte, Jesus adquiriu certa simpatia com as situações semelhantes que eles enfrentariam diariamente.

O Sofrimento de Jesus

Como você acha que essa mensagem atingiu aquela gente?

Primeiro: a afirmação de que Jesus, feito sumo sacerdote perante Deus que oferecia um sacrifício pelo qual Deus perdoava os seus pecados, colocava um fim na preocupação de que os sofrimentos e a morte continuassem a ser uma consequência do domínio do diabo sobre eles. O diabo fora derrotado, pois seus pecados foram perdoados por Deus!

Segundo: agora, os sofrimentos e a morte deles deveriam ser entendidos de outra maneira: como uma educação na qual eles se tornariam bastante parecidos com Jesus, pois percorreriam o mesmo caminho que ele percorreu para chegar a Deus à frente deles.

Terceiro: Jesus se tornou o modelo, uma espécie de autor, guia e introdutor na presença de Deus, de modo que ao andarem pelo caminho que ele andou, imitariam tudo o que ele fez, encontrariam estímulo na sua atitude corajosa e chegariam até onde ele chegou, na presença de Deus!

Será que o pregador se preocupou em falar outras vezes dos sofrimentos e da morte de Jesus? Certamente que sim! Leia o capítulo 4, verso 15, quando ele diz que Jesus passou por tido tipo de tentação, e acrescenta: “como nós!”. Pode-se perguntar: “Será que houve algum momento específico no qual Jesus foi tentado no

sofrimento como nós?” O pregador diz que sim! Leia o capítulo 5, versos 7 e 8. Veja se você se lembra dessa cena no relato dos Evangelhos e escreva aqui onde você a encontrou. Esse sofrimento vai mais além, pois ele afirma, mais à frente, no capítulo 9, verso 15, que Jesus morreu. Nos versos 26 a 28 desse capítulo, o sofrimento está claramente ligado à morte. E, no capítulo 12, versos 2 e 3, nos diz que Jesus morreu na cruz, acrescentada de um embaraço particular: a vergonha e a oposição dos pecadores.

Conclusão

No capítulo 13, verso 12 há um resumo de todo esse ensino sobre o sofrimento de Jesus. Ele nos diz que Jesus sofreu, derramando o seu sangue e suportando a desonra. Essas declarações serão usadas para animar os cristãos judeus em seus sofrimentos, e um dos lugares mais importantes onde isso acontece é no capítulo 12, versos 1 a 13.

Lição 6

FÉ NAS PROMESSAS DE DEUS

O texto de Hebreus 12.1-13 começa com uma frase muito importante: “Portanto, também nós, uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas...” (12:1).

É claro que no “nós” estão incluídos tanto aquele que fala/escreve quanto aqueles que o ouvem/lêem. E nós, os leitores atuais. “Rodeado”, você sabe, é estar cercado, estar no meio de algo. É como se eles olhassem ao redor e vissem as testemunhas. Como uma espécie de corrida em um ginásio de esportes. Ali, você talvez esteja na arquibancada ou na competição. Se você está na competição, no centro da quadra, você está rodeado ou cercado pelas pessoas que te observam na arquibancada.

As testemunhas

Nesse capítulo, é a “tão grande nuvem de testemunhas” quem cerca. Por que uma “nuvem”? Você sabe o que é uma nuvem! Todo mundo sabe! Talvez você olhe para o céu agora e consiga ver alguma. Então é isso! Nós vivemos pisando o chão dessa terra cercados pelas

nuvens no céu. Em todo lugar para onde você viajar sempre encontrará nuvens. Elas nos rodeiam, nos cercam. Assim é com essas testemunhas. Em toda e qualquer circunstância das nossas vidas, estamos rodeados ou cercados por elas.

Quem são as testemunhas? Você descobrirá lendo o capítulo 11, pois é das pessoas nomeadas ali que se está falando. Se desejar exercitar isso, faça uma relação de todos os nomes que aparecem e o que se diz de cada uma delas.

As ações dessas pessoas apontam para uma atitude, uma posição que elas tiveram e que as levou a fazer o que fizeram. E essa atitude dependeu de algo que elas possuíam e aparece repetidamente atribuída a cada uma delas. Essas pessoas são, então, testemunhas da fé! Mas é somente da fé que elas são testemunhas? Claro que não! Uma testemunha é alguém que fala do que viu e/ou ouviu. Então, o importante no que elas têm a dizer não é apenas da sua atitude em certos momentos da vida, mas daquilo que as levou a ter fé.

Assim, a pergunta é: Por que elas tiveram fé? E a resposta se encontra no capítulo 11, versos 39 e 40. O que o verso 39 diz é que todas elas foram excepcionalmente pessoas cheias de fé, porém em quê? Muito bem! Na promessa. E quem fez a promessa? Muito bem, outra vez! Deus fez a promessa! Isto é, tanto a promessa quanto a fé

daquelas pessoas faziam parte do plano de Deus. Mas enquanto elas imaginavam que tudo se resumia a crer em Deus nas suas situações de vida, eis que Deus planejava que elas cressem para que aqueles que nasceriam e viveriam depois delas, ao verem seu exemplo, cressem também com a sua ajuda! E, assim, o testemunho deles seria bem maior!

As Promessas de Deus

Pode-se continuar perguntando: “Qual foi a promessa que Deus fez?”, pois toda promessa deve ter um conteúdo, pois quem promete, promete alguma coisa, e isso tem que ser algo claro, transparente, de modo que a gente possa dizer: “Mas, você prometeu!”.

Mais ainda! Quem promete, pede que aquele que ouve a promessa faça determinadas coisas como prova de que ele acredita na promessa. É exatamente isso! Toda promessa exige fé! Fé naquele que faz a promessa, fé na sua capacidade de realizar o que prometeu, fé na sua fidelidade em cumprir a promessa e fé na realização da promessa!

Os versos 14,15 e 16 do capítulo 11 apresentam qual foi a promessa.

Os que assim falam mostram que estão buscando uma pátria. Se estivessem pensando naquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Em vez disso, esperavam eles uma pátria melhor, isto é, a pátria celestial. Por essa razão Deus não se envergonha de ser chamado o Deus deles, pois preparou-lhes uma cidade. (Hebreus 11:14-16)

Veja que uma palavra se repete três vezes (sendo que uma vez de forma *escondida*): *pátria*. Aquelas pessoas estavam em busca de uma “pátria”, pois haviam saído de uma outra. Você sai de um lugar tendo em mente chegar a outro. Se você não tem nenhuma visão desse outro lugar, é bem capaz que queira ou mesmo retorne ao lugar de onde saiu. Daí a importância de antever ou ver antes esse lugar.

Mas, quando se sai de um lugar é para outro que se considera melhor. É assim que a “pátria” é “melhor” porque é a “pátria celestial”. Ora, esse é o conteúdo da promessa que Deus lhes fez: a pátria celestial. “Deus lhes preparou uma cidade”, é o que o texto diz. Sabe por que uma cidade? Porque, antigamente, aquelas pessoas identificavam uma pátria não com um país, como é o nosso caso, mas com uma cidade.

Essa promessa de Deus colocou aquelas pessoas em uma situação de *migrantes*, e essa é uma palavra importante aqui. Você mesmo deve ter, no passado,

alguém que migrou, isto é, saiu de um lugar difícil para conseguir uma vida melhor em outro lugar. É disso que o texto está falando, então! Só que um pouco diferente da experiência normal. Pois essas pessoas caminham pela própria vida considerando que há algo melhor a esperar dela, o que as coloca em incessante estado de busca para conseguir esse algo melhor. Esse algo melhor é materializado em um lugar: uma pátria, uma cidade.

Conclusão

Deus entra na história dessas pessoas como aquele que lhes promete esse lugar, elas acreditaram na promessa de Deus. O fato de Deus prometer e de elas terem acreditado, colocou ambos em uma espécie de acordo, de aliança, para falar a linguagem da Bíblia. Por isso, dá para entender o que o texto diz: “Deus não se envergonha de ser chamado o Deus deles” (verso 16). Veja que a *falta de vergonha* é mútua, pois eles também não se envergonham de chamar Deus de “seu Deus”! Por que isso seria motivo para vergonha? Por que isso seria um problema quando você acha que o lugar onde está não é o melhor, já que você crê que existe outro melhor. Isso torna as pessoas que pensam de modo diferente, desconfiadas e, às vezes, zangadas contra quem assim pensa. Quer dizer, é preciso não apenas ter fé na

promessa, mas uma boa dose de coragem para confessá-la em toda a parte, para sustentar essa aliança com Deus!

Lição 7

ÂNIMO, CORAGEM E PERSEVERANÇA

Podemos voltar ao capítulo 12 para entender melhor o que ele está dizendo. O autor está dizendo que aquilo que Deus planejou para aquelas pessoas, no passado, também incluiu os ouvintes/leitores que estão nesse capítulo. Por isso a ordem tão, aparentemente, severa, composta de duas etapas:

Etapa 1: “...livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve”

Etapa 2: “...corramos com perseverança a corrida que nos é proposta”.

Jesus, nosso maior exemplo

Etapa 1. Veja como ele coloca as coisas na Etapa 1.

Primeiro, pode-se perceber que se está em uma corrida. Toda corrida é para um alvo, para um lugar onde se quer chegar. Qual é o alvo, nesse caso? É claro que o alvo é a pátria ou cidade celestial, é lá que se quer chegar!

Segundo, para correr essa corrida é necessário, como qualquer corredor sabe, estar sem coisas que possam atrapalhar, isto é, servir de armadilha ou impedimento, estar o mais leve possível, sem peso excessivo. Você já viu aqueles corredores da São Silvestre, em São Paulo, no dia 31 de dezembro? Os corredores de verdade usam as roupas mais simples e se despem de qualquer coisa desnecessária que os impeçam de correr mais rápido. Aqueles que vão apenas para se divertir se enchem de coisas que quase os impede até de andar! O que o pregador está dizendo é uma coisa clara: não dá para se chegar a algum lugar querendo carregar tudo que se tirou de onde saiu. Isso é uma grande tolice!

E quanto ao pecado? O que ele tem a ver com tudo isso? Bem, essa é uma situação mais complicada, certamente! Mas, se você ler o verso 4, verá que ele fala de uma “luta contra o pecado”. Ora, fica claro que o pecado é um adversário a ser vencido constantemente, pois ele se coloca à frente daquele que quer correr como se o quisesse impedir de avançar, um adversário, um oponente.

Isso fica mais claro, ainda, quando você lê o verso 3, onde diz que Jesus sofreu a oposição dos pecadores e teve que vencê-la. O que os pecadores lhe fizeram? O verso 2 responde: Colocaram-no na cruz, desprezaram-no e envergonharam-no. Mas, qual era o lugar ou destino de Jesus? Assentar-se à direita do trono de Deus! Essa

era sua esperança e alegria! No entanto, para chegar lá ele teve que suportar as ações desses adversários e todo o sofrimento que lhe impuseram. Porém, ele suportou e os venceu!

Por isso é que ele é exemplo, modelo que, colocado diante dos olhos dos cristãos judeus, devem imitar enquanto também correm. O pregador lhes diz: “tenham os olhos pregados em Jesus, pois ele é o autor e o consumidor da fé”, isto é, ele é o exemplo mais acabado, a testemunha mais fiel do que significa começar e terminar a peregrinação da fé na promessa de Deus!

Etapa 2 - parece ser mais simples!

Todo corredor precisa insistir no que está fazendo enquanto não chega ao alvo. Ele precisa progredir, avançar seguindo a direção que o próprio alvo propõe para a corrida. Isso, contudo, pode nos confundir porque não se sabe bem o que significa *suportar*.

Essa é uma palavra muito difícil de dizer. Ela fala de ter muita paciência quando se sofre uma forte oposição, quando se passa por uma situação muito difícil, quando o mais recomendável é desistir, e, então, se faz o contrário, se insiste naquilo que causa todo esse sofrimento. Isso é algo parecido com a teimosia, só que por uma boa causa e mesmo quando ela traz muito sofrimento.

Seria mais fácil, lógico e natural acabar com a teimosia, pois os problemas que se têm de suportar também acabariam, mas não é o que se recomenda nessa corrida. Ao contrário, deve-se aceitar os problemas como consequência natural de estar na corrida e, assim, não desistir, mas insistir, mesmo que os problemas tendam a permanecer ou aumentar. É como um *game* onde você tem que chegar a algum lugar e as dificuldades aumentam à medida que se ultrapassam as etapas anteriores.

Então, fica uma grande dificuldade para ser resolvida aqui: Como entender essas duras situações que *testam* aqueles que correm e que os *preparam* para as maiores dificuldades à frente? Ora! Você acabou de descobrir a resposta que o pregador dará a seus sofridos ouvintes/leitores que vivem em meio a tantas dificuldades e sofrimentos enquanto caminham para a pátria/cidade celestial.

Conselhos do Pregador

Nos versos 5, 6 e 7 do capítulo 12 o pregador pede que eles se lembrem de uma palavra de ânimo que ele (quem?) lhes fala como se fossem filhos. A princípio, o que ele diz é mais preocupante: “Vocês se esqueceram!” do que Deus (pois é a ele que o pregador se refere toda a vez que cita o Antigo Testamento) disse a vocês em uma

conversa, um diálogo que teve com vocês como um pai conversa com seus filhos. De fato, uma das coisas que um pai faz quando os filhos estão desanimados com algumas situações difíceis da vida é animá-los, encoraja-los, após o que, eles se sentem mais dispostos a continuar.

Conclusão

É assim que Deus faz com aqueles que lêem suas palavras nas Escrituras, é como se fosse uma conversa ou diálogo entre o pai e seus filhos, onde sua fala é de ânimo e encorajamento. O problema é que os filhos podem esquecer, com facilidade, a fala do pai e voltar a desanimar com frequência. Daí a importância de lembrar e re-lembrar, sempre, o que o pai disse para se sentir continuamente encorajado. Bem é disso que ele está falando aqui.

Lição 8

A DISCIPLINA PARA A EDUCAÇÃO

Tudo começa e termina com *filho*, como se um pai desse conselhos a seu filho. Na verdade, o texto conta a história de uma conversa entre um pai e seu filho sobre uma outra pessoa, que ele chama *Senhor*. Só que, para o nosso pregador, essa conversa seria entre Deus e os próprios ouvintes/leitores. No ambiente do antigo povo hebreu já se sabe que o “Senhor” é “Deus”.

A disciplina do Senhor

Inicialmente, o pai aconselha o filho a se preservar de duas atitudes: Ele não deve desprezar a disciplina do Senhor e nem se magoar com a sua repreensão. Depois, ele fala das duas coisas que Deus faz na vida do filho: ele disciplina e castiga o filho. Bem, *disciplina* é como *repreensão*. É como mostrar para a pessoa algum erro que ela cometeu e que precisa ser corrigido, daí falar de *castigo*. Disciplina e repreensão podem ser reunidas como uma só experiência de vida, então. O conselho do pai é para que o filho não despreze, isto é, não faça um julgamento leviano, não se importe, daquela disciplina e

nem desmaie, abandone ou dê as costas ou desista daquela repreensão. E o motivo é complicado: o Senhor o reconhece como filho, por isso o ama e deseja o seu bem (pois é assim que termina a citação de Provérbios 3:12 que está repetida aqui).

Vamos conversar, um pouco, sobre *disciplina* e *educação* antes de continuarmos. Parecem, a princípio, duas ações diferentes. *Disciplina* sugere aquela correção imediata, com certo jeito de falar, gesticular e aceitar, que todo mundo entende e, normalmente, acompanhada de um castigo. *Educação* sugere todo um processo que vai além do objetivo de corrigir e punir uma ação errada.

Mas, será que elas são tão diferentes assim? Pense bem! Será que a educação não inclui o exercício da disciplina? Ser uma pessoa bem-educada não é ser bem disciplinada? Mesmo que você retire o elemento da punição, do castigo, ainda assim a correção não faz parte da educação? É possível educar sem corrigir, isto é, sem mostrar que atitude é a mais correta diante de certa situação e qual é a errada?

A palavra *educação* fala, então, da formação, do treinamento para a vida, que começa, normalmente, desde a infância. Para o pregador, e conforme a sua cultura, muito antiga, cabia ao pai a disciplina e educação do filho, o treinamento para ele viver em comunidade. Como hoje, também, cabe aos pais e, em grande medida,

também ao professor, treinar os filhos para viverem em sociedade.

É por isso que Deus é comparado a um pai que disciplina e educa seus filhos, isto é, aqueles que ele recebe como filhos. Veja que já vimos isso mais atrás, quando nos foi dito que Jesus é filho assim como aqueles que ele conduziu à glória são seus irmãos, portanto, recebidos como filhos por Deus (capítulos 1 e 2).

A Educação para a paz

Assim, o pregador conclui: “Suportem as dificuldades, recebendo-as como disciplina; Deus os trata como filhos” (verso 7). Suportar as dificuldades é uma atitude fundamental para o pregador e que ele quer que seus ouvintes pratiquem. Isso já percebemos na Etapa 2. Agora, ele dá uma razão ou sentido para que suportem as dificuldades. Elas são utilizadas por Deus para educá-los, assim como um pai utiliza as dificuldades que o filho passa para ensinar-lhe algumas coisas sobre a vida e formar o seu caráter. Se alguém é recebido como filho é para participar da mesma educação que os demais filhos (verso 8). E, então, segue-se, muitas vezes, a palavra *disciplina*, dos versos 9 a 11.

Com o auxílio da tabela abaixo, fica mais fácil entender.

Pai humano	Atitude dos filhos	Pai dos espíritos	Atitude dos ouvintes/leitores
Disciplina	Respeitam o pai	Disciplina	Submetem-se ao Pai
Por curto período, é provisória		Para participar da sua santidade	
Segundo o que parece melhor		Para o bem	

Há uma atitude geral dos filhos para com a disciplina que é bem admitida pelo pregador: “Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados.” (Hebreus 12:11).

Você já viu alguém contente quando está passando por situações difíceis? Nem eu! Normalmente, a gente quer se ver livre logo daquela situação, não queremos ficar tempo suficiente nela para aprendermos algo. Não é o caso aqui! O pregador está dizendo exatamente o oposto dessa atitude tão comum. Ao invés de se concentrar na tristeza que a situação provoca, pense que ela permitirá um certo crescimento, um amadurecimento.

Veja o exemplo da fruta, que está no texto. Você acha que o fruto aparece do dia para a noite, sem nenhum padecimento para a árvore? O fruto é o resultado de todo o trabalho da árvore. E é assim que o pregador trata o resultado de suportar com perseverança toda a dificuldade. Ele o chama de fruto da paz. Enfim, a educação é um exercício, um treinamento na justiça cujo resultado é aquela paz.

Conclusão

Há muitas narrativas nesse pequeno discurso que acabamos de examinar. Tente localizar cada uma delas no texto, enquanto a gente vai contando uma a uma. Uma delas conta a corrida para um alvo e a perseverança necessária, uma vez que muitos impedimentos e armadilhas existem no caminho. Outra conta a história de Jesus, dando-o como exemplo de alguém que correu essa corrida superando a cruz, desprezando a vergonha, suportando a oposição dos pecadores, até que se assentou à direita do trono de Deus. Outra, ainda, fala de uma luta contra o pecado, uma verdadeira guerra, na qual até o sangue pode ser derramado como foi o de Jesus, na qual todo ânimo é necessário.

É, então, que surge a mais bela de todas as histórias existentes no texto: a do pai que se senta ao lado do filho, que se encontra em meio a muitas dificuldades,

e que é por ele encorajado a suporta-las e vence-las. Dentro dela há uma outra história, menor, é verdade, porém não menos importante: é a do pai que vendo o filho cometer certos erros é obrigado a corrigi-lo para que o filho não os pratique de novo. Na ocasião, o filho fica triste e não compreende, mas, depois, ele perceberá o quanto amadureceu e superou certas fraquezas do seu caráter. Assim, a correção do pai é um treinamento para que o filho viva uma vida melhor.

Lição 9

JESUS, O SUMO-SACERDOTE

Você deve ter percebido como as histórias de Hebreus têm tudo a ver com a própria história dos cristãos judeus, que são os ouvintes/leitores do pregador e ele mesmo. Por meio delas, eles tentam entender os próprios acontecimentos de suas vidas, sem as quais fica tudo muito obscuro, muito sem propósito.

Por outro lado, essas histórias acabam por ajudá-los a conhecer a Deus melhor, principalmente quando ele é comparado com o pai, de quem eles são os filhos. Então, é para isso que servem essas histórias: para ajudá-los a entender melhor as situações difíceis que enfrentaram, enfrentavam e ainda enfrentariam. Como, para eles, Deus tem uma relação total com as suas vidas, é preciso entender como ele está presente naquelas dificuldades. Assim, eles conseguem viver uma vida melhor.

Sofrimento por uma causa

O pregador está muito interessado em que os seus ouvintes/leitores não desanimem diante das muitas

dificuldades pelas quais estão passando. Elas estão relacionadas com o fato de terem feito uma opção por Jesus. De certa forma, isso os obrigou a partilhar o mesmo destino de Jesus: a cruz, o desprezo e a vergonha dela resultantes e a oposição dos pecadores.

Isso quer dizer que muitas pessoas passaram a se opor a eles e causar-lhes muitos problemas, até mesmo retirando-lhes apoio, amizade e oportunidades na sociedade. O pecado, aqui, bem pode ser a tentação a ceder a essa oposição fazendo a vontade dos pecadores, isto é, pecando. É, de fato, uma luta para a qual eles deveriam estar continuamente preparados.

Como fazer isso? Veja que o pregador não os ilude. Ele não diz que a luta vai passar, os problemas vão acabar, que os pecadores vão se converter e, no final, eles serão exaltados sobre os seus inimigos! O discurso não é tão triunfante assim! Ao contrário, ele tenta transformar o sofrimento deles em alguma coisa que lhes seja positiva e os estimule a suportá-lo até quando for necessário.

Como ele faz isso? O argumento dele é simples. Primeiro lê as Escrituras com eles, algo que eles respeitavam bastante. E o que elas lhes dizem? Que eles podem encontrar em Deus consolo e encorajamento. E depois? Que Deus usa essas dificuldades como um instrumento para aproxima-los dele mesmo, para forjar neles um caráter justo, para produzir um fruto de paz.

Que prova ele pode oferecer dessas coisas? Bem, as próprias Escrituras disseram que Deus faz isso, como qualquer pai humano o faz com seus filhos. E, depois, não fica bem para a formação de um filho livra-lo de tudo quanto é problema. Simplesmente ele não cresce quando se age assim, ele não tem condições de dialogar com o pai, não pode assumir responsabilidades importantes na vida e não aprenderá o valor da justiça e da paz, tornando-se uma pessoa egoísta e má, achando que o mundo gira ao seu redor.

Mirando em Jesus o Sumo-sacerdote

Que estratégias o pregador, então, aconselha aos seus ouvintes/leitores para suportar as dificuldades? Primeiro eles devem recebê-las como uma disciplina. Uma espécie de educação. Depois, devem recebê-las como uma correção. Uma espécie de castigo cujo objetivo é afastá-los do pecado e aproximá-los mais de Deus, ajudando-os a discernir entre o que é justo e o que não é e produzindo neles o fruto da paz. Por fim, eles devem recebê-las como um treinamento, algo que os torna mais fortes e capazes de chegar ao final ou alvo da corrida.

Para tudo isso, eles devem mirar, fixar exclusivamente os olhos em Jesus. Não é ficar olhando para uma cruz ou para um crucifixo, mas para a vida que Jesus viveu. Nela, ele suportou todas as enormes

dificuldades, passou por todas elas e chegou até a presença de Deus. Quando o pregador fala que, no momento, as dificuldades não os tornam felizes, ele está lhes ensinando, porém, que não são esses momentos, passageiros por natureza, que realmente contam, mas o fato de terem superado cada um deles e chegado ao alvo final: a presença de Deus.

Qual é a conclusão que o pregador sugere, após todo esse estudo? O capítulo 2, versos 17 e 18 iniciam a resposta.

Por essa razão era necessário que ele se tornasse semelhante a seus irmãos em todos os aspectos, para se tornar sumo sacerdote misericordioso e fiel com relação a Deus e fazer propiciação pelos pecados do povo.

Porque, tendo em vista o que ele mesmo sofreu quando tentado, ele é capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados. (Hebreus 2:17,18).

Podemos resumir assim: Jesus sofreu e morreu para se tornar um sumo sacerdote diante de Deus capaz de socorrer seus irmãos quando esses são tentados! Já vimos como essa tentação, na verdade, são os sofrimentos aos quais os cristãos judeus eram submetidos e que testavam em que condições eles estavam enquanto corriam para a pátria celestial. Importante era assegurar-lhes a simpatia e solidariedade de alguém capaz de interceder por eles diante de Deus, de

modo que seu sofrimento fosse aliviado, tornando-se suportável. Segundo suas antigas tradições religiosas, cabia aos sacerdotes e, mais especialmente, ao sumo sacerdote, ou chefe dos sacerdotes, esse papel. E é esse papel que Jesus Cristo desempenha, agora assentado à direita de Deus, um lugar que ele chegou após a sua morte.

A partir daí, encontram-se vários outros textos onde esse ensinamento é desenvolvido. No capítulo 4, versos 14 a 16, o pregador declara que Jesus, o filho de Deus, após a sua morte, penetrou os céus, a morada de Deus, como um grande sumo sacerdote. Ele é sumo sacerdote diante de Deus em favor de *nós*, e você já aprendeu que esse “*nós*” é o pregador e seus ouvintes/leitores, mas também pode ser você, que lê também o que ele escreve.

O Sacerdócio de Jesus

O capítulo 7, versos 23 a 27 é outro texto onde Jesus é apresentado como sumo sacerdote.

É de um sumo sacerdote como este que precisávamos: santo, inculpável, puro, separado dos pecadores, exaltado acima dos céus.

Ao contrário dos outros sumos sacerdotes, ele não tem necessidade de oferecer sacrifícios dia após dia, primeiro por seus próprios pecados e, depois, pelos pecados do povo. E ele fez isso de uma vez por todas quando a si mesmo se ofereceu. (Hebreus 7:26,27)

Agora, ele é comparado com os sacerdotes da tribo de Levi, antigos herdeiros do sacerdócio dos antigos antepassados dos cristãos judeus, descendentes de Arão e sua família. O problema, aqui, é que aqueles sacerdotes exerciam sua função até a hora em que morriam. Eles precisavam ser substituídos continuamente, e pode-se imaginar a instabilidade que isso significava para quem precisava deles para se aproximar de Deus.

No caso do sumo sacerdócio de Jesus, ele é permanente, porque Jesus mesmo passou pela morte e voltou a viver para sempre depois dela. Portanto, ele não precisa ser substituído e garante aquela estabilidade que faltava aos demais. Veja a bela declaração que o pregador faz aos cristãos judeus: Como ele vive para sempre, é capaz de, para sempre, interceder por eles, que se aproximam de Deus, e, então, pode garantir-lhes uma salvação para sempre, também.

Todo sacerdote deveria possuir uma característica especial que permitisse que ele se aproximasse de Deus: ele tinha que ser puro ou santo, como Deus era puro ou santo. Mas, veja, quando um sacerdote tem que oferecer

um sacrifício primeiro por ele, para depois ajudar os outros que se aproximam de Deus por meio dele, é porque ele não possui essa característica especial nele mesmo.

Não acontece assim com Jesus! Como ele viveu sendo tentado em tudo, igual a qualquer outro sacerdote, porém, diferentemente deles, não pecou, ele não precisou oferecer sacrifício algum por si mesmo, por que ele adquiriu essa característica especial. Assim, veja quantas coisas bonitas ele declara sobre o sumo sacerdote Jesus, pois diz que ele é: santo, inculpável, puro, separado dos pecadores e o mais elevado dos céus.

Conclusão

O sumo sacerdote Jesus se simpatiza com as fraquezas humanas, pois ele as experimentou como qualquer ser humano que ele foi. Qual deve ser, então, a atitude desses seres humanos? Devem aproximar-se do trono da graça, isto é, do lugar onde Jesus está assentado à direita de Deus, bastante simpático às suas necessidades. Eles devem fazê-lo sem medo, como se fossem encontrar alguém bastante acessível. O que eles encontrarão e receberão quando chegarem a esse lugar? Misericórdia e graça que os ajudarão em suas necessidades. Por que essas coisas – misericórdia e graça - e não outras é que os cristãos judeus receberiam?

Lição 10

HEBREUS 10. 1-14: A NECESSIDADE DO SACRIFÍCIO

No capítulo 8, versos 1 e 2, o pregador diz o que é mais importante que os cristãos judeus saibam após todo esse estudo sobre o sumo sacerdote Jesus. Em Hebreus 8. 3 ele diz: “Todo sumo sacerdote é constituído para apresentar ofertas e sacrifícios, e por isso era necessário que também este tivesse algo a oferecer.” De fato, todo sumo sacerdote deve oferecer algo a Deus em favor daqueles que se aproximam de Deus por seu intermédio, e a essa oferenda ele chama sacrifício. Esta palavra se torna, então, muito importante! Tão importante quanto saber que Jesus é o sumo sacerdote para todo cristão, judeu ou não. Por isso, vamos entender um pouco melhor que sacrifício é esse, por que Jesus teve que oferecer um sacrifício também e qual o sacrifício que ele ofereceu.

Sua morte teve algo de especial: Foi um sacrifício de sangue que santificou os cristãos judeus para que eles se aproximassem de Deus para adorá-lo (13:12)

Divisões de Hebreus 10. 1-14

Você já leu, no capítulo 2, versos 9 e 14, que Jesus sofreu a morte, experimentou a morte e que ele morreu mesmo! O capítulo 9, verso 15, de novo repete que ele morreu. De igual modo, as testemunhas do capítulo 11, todas, exceto Enoque, também morreram. Do princípio ao fim, a morte é um assunto lembrado todo o tempo. Só que a morte de Jesus foi diferente, nos seus resultados, da morte dessas outras pessoas. Por que? É essa pergunta que precisa ser respondida agora.

1 a 4: a necessidade do sacrifício para Deus e os seus adoradores.

5 a 10: o sacrifício de Jesus Cristo.

11 a 14: os resultados do sacrifício de Jesus Cristo.

Agora, vamos estudar cada grupo de versos separadamente.

O Sacrifício e sua importância

O sacrifício é um dom, algo que se dá, por isso é chamado de oferta ou oferenda. Sendo um dom, existe alguém que o dá e alguém que o recebe. Também, um sacrifício, na experiência comum das pessoas, está muito ligado à religião, é algo que está entre as pessoas e Deus e entre Deus e as pessoas, como algo que elas oferecem a

Deus e como algo que Deus recebe delas, isto é, a sua devoção, seu culto.

Os versos que você leu (10. 1-14) contam a história de um povo que também tinha o hábito de oferecer sacrifícios a Deus: o povo de Israel. Mais que um hábito, eles tinham uma obrigação, um mandamento. Deus havia exigido isso deles. Mas, com um propósito: “A Lei traz apenas uma sombra dos benefícios que hão de vir, e não a realidade dos mesmos. Por isso ela nunca consegue, mediante os mesmos sacrifícios repetidos ano após ano, aperfeiçoar os que se aproximam para adorar.” - Percebe que isso está bastante ligado ao culto que ofereciam a Deus? Certamente você conhece a palavra *adorar*. Ela é muito usada hoje em dia. Fala-se até que o Brasil é o país do futebol e da adoração!

Agora, antes da palavra *adorar*, isto é, oferecer o culto a Deus, era necessário que o israelita se aproximasse de Deus, e isso não era uma coisa muito fácil de se fazer. E você saberia porquê se observasse a palavra que vem antes de *os que se aproximam*: aperfeiçoar. É exatamente isso que você está pensando. O israelita tinha que ser aperfeiçoado antes de se aproximar de Deus para dar-lhe seu culto!

O que quer dizer *ser aperfeiçoado*? Veja a segunda parte do verso 2 e veja o que diz. Exatamente! *Ser aperfeiçoado* é ter os pecados *purificados*! Veja como é

interessante a relação entre *adorar-aproximar-pecados purificados*. E por que seria necessário ter os pecados purificados, primeiro, antes de se aproximar de Deus para adorar? - Tem a ver com a própria perfeição de Deus, também chamada na Bíblia de *santidade*. Certamente, você já ouviu aquela frase maravilhosa e aterradora: “Sereis santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo!” E sabe por que Deus disse essa frase? Porque, antes, ele havia dito ao povo de Israel: “Vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus!”

Sempre permanecia para o povo de Israel esse problema: “Como subir ao monte santo do Senhor? Como se aproximar de Deus para dar-lhe o nosso culto?” Pensava-se que as mãos limpas e um coração puro era tudo o que importava, mas descobriram que as mãos não estavam limpas sempre e nem o coração muito puro. O que fazer, então?

Você já deve ter descoberto a resposta: o sacrifício! Ele, sim, ao ser oferecido era um dom pelo qual o adorador era aperfeiçoado, isto é, santificado, ainda, suas mãos seriam limpas e o coração ficaria puro. Então você já sabe: toda vez que o israelita chegava até Deus para adorar, ele oferecia um sacrifício que era uma maneira de se assegurar que estava santo para dar o culto ao Deus santo. Era como retirar a mancha, aqui chamada de impureza, que é a mesma coisa quando o texto fala em pecado.

Mas, se você leu com atenção os versos 1 a 4, encontrou um problema nesse procedimento do povo de Israel, e que o pregador está apontando. Veja se você concorda: os sacrifícios, que deveriam servir para deixar os adoradores à vontade para adorar a Deus, não cumpriam o seu papel. E por que? Porque eles eram freqüentemente repetidos, isto é, toda vez que o israelita se aproximava de Deus tinha que oferecer um sacrifício.

Conclusão

Não haveria um único sacrifício capaz de ser oferecido a Deus sem que precisasse ser repetido para o resto da vida? Não haveria um único sacrifício que aperfeiçoasse para sempre o adorador, de modo que ele não tivesse que sempre se sentir culpado diante de Deus pela sua impureza? E ficava a pergunta mais perturbadora: Será que esses sacrifícios repetidos realmente removem a impureza das mãos e do coração diante de Deus? A resposta do pregador a todas essas perguntas se encontra no início do verso 2 e no verso 4: “Se pudesse fazê-lo [remover os pecados] não deixariam de ser oferecidos? ...Pois é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados”.

Não eram os animais oferecidos que contavam, porém, o seu sangue! Esse, sim, é que contava para retirar as impurezas dos adoradores. E você já aprendeu

que impureza é o que o texto chama de pecado. Qual o problema da impureza? É que ela atrapalhava o relacionamento entre Deus e seu povo, que era chamado de aliança. Toda vez que ela acontecia, uma perturbação, um problema, passava a existir entre eles. Isso trazia muito sofrimento para o povo de Israel. Era necessário que o relacionamento anterior fosse restabelecido, isto é, a aliança. A forma de fazer isso era por meio de um sacrifício em favor dos pecados, isto é, em favor da reconciliação. E é isso o que o sangue realizava!

Existe uma outra resposta, ainda. Você, certamente, se lembra de como Caim matou a Abel. O sangue de Abel não foi coberto, ficou exposto sobre a terra, e, por isso, Deus tomou vingança de Caim. Deus proibiu, desde então, que o ser humano derramasse o sangue de outro ser humano. Quando isso acontecesse, esse ser humano deveria ser morto pelos demais. Só havia um jeito de ele escapar dessa exigência de Deus: se outro sangue derramado cobrisse o sangue que ele derramou! E é isso o que o sangue do animal fazia por ele! A partir daí ele não seria mais cobrado pelo sangue que foi derramado.

Veja, então, que essas duas experiências que o antigo povo de Israel viveu foram muito importantes para que eles dessem tanto valor ao sangue. Mas, a pergunta que o pregador faz ainda está sem resposta: se é impossível que o sangue de touros e bodes retire as

impurezas, que sangue poderia fazê-lo? Parece que quando se trata de seres humanos, o sangue de animais não conta muito, para o pregador. Por uma vida humana, só outra vida humana poderia fazer a cobertura, e é aí que a vida humana de Jesus Cristo entra na história.

Lição 11

HEBREUS 10. 5-10: O SACRIFÍCIO DE JESUS CRISTO

Como começa o verso? “Quando Cristo veio ao mundo...”. Claro! Ele está falando de quando Jesus nasceu, pois foi aí que ele veio ao mundo. O que acontece quando alguém nasce no mundo? Certamente, ele tem um corpo que lhe permite uma existência humana. O verso até diz isso mais à frente: “...mas um corpo me preparaste”. Jesus tinha um corpo, caso contrário, como ele poderia nascer e viver no mundo?

Agora, o que é que se faz por meio do corpo? Você pode imaginar muitas coisas, tantas que algumas até nos escapam. Porém, o verso 7, no finalzinho, faz uma declaração: “...vim para fazer a tua vontade, ó Deus”. É isso mesmo! Jesus usou seu corpo para fazer a vontade de Deus. Sabe o que isso significa? Se você recordar a necessidade do adorador ser aperfeiçoado, vai lembrar que ele deveria ter as mãos limpas e o coração puro. Como ele poderia obter isso? Fácil! Fazendo a vontade de Deus! Ao fazer a vontade de Deus, Jesus Cristo estava em condições de se aproximar de Deus para adorá-lo.

Você pode dizer: “Isso não era e não é tão fácil assim!” E isso é perfeitamente compreensível! Você se lembra do que já estudamos no tópico 2.1? Se não, retorne lá e refaça seu estudo. Se lembrou, ele diz que Jesus Cristo passou pela tentação do sofrimento, mas que, em nenhum momento, deixou de agradar a Deus, isto é, aceitar e se submeter à sua vontade. Ele não deixou que os muitos sofrimentos fossem motivo para desagradar a Deus, é isso! Por isso, manteve as mãos limpas e o coração puro. Por isso, foi aperfeiçoado! Por isso, pode se aproximar de Deus!

O Primeiro e o Segundo Sacrifício

Hebreus 10.10 traz uma declaração que surpreende e espanta: “Pelo cumprimento dessa vontade fomos santificados, por meio do sacrifício do corpo de Jesus Cristo, oferecido uma vez por todas.” - Algo mais aconteceu enquanto Jesus Cristo vivia no mundo, então! Os cristãos judeus foram aperfeiçoados ou santificados, isto é, suas impurezas foram retiradas! E isso tem a ver com o sacrifício que Jesus Cristo fez a Deus do seu corpo. Mas, espere aí! É preciso voltar mais atrás, até o verso 5, novamente, se não a gente se perde com essa afirmação.

Lembre-se que os versos 1 a 4 nos levaram à conclusão que a oferenda do sangue de touros e bodes não eram um sacrifício que resolveria o problema do

povo de Israel com Deus. É isso que o verso 5 repete, agora citando uma oração do Salmo 40, verso 6 (você pode ir lá para conferir): “Sacrifício e oferta não quiseste”. O verso 6 completa: “de holocaustos e ofertas pelo pecado não te agradaste”.

E, como num movimento contrário, Jesus Cristo afirma, nos mesmos versos: “...um corpo me preparaste...vim para fazer a tua vontade, ó Deus”. Veja que os versos 8 e 9 resumem as duas afirmações, contudo acrescenta uma declaração: “Ele cancela o primeiro para estabelecer o segundo”. Você entende as palavras *cancelar* e *estabelecer*. Elas são usadas quando se quer deixar de fazer ou dizer algo, para se fazer ou dizer outra coisa em seu lugar.

Por exemplo: quando o juiz diz que um casal está casado, que são marido e mulher, eles formam um casal. Mas, quando o mesmo juiz diz, depois, que eles estão separados, que não são mais marido e mulher, eles já não formam mais um casal. A segunda palavra do juiz está cancelando o que ele disse antes, e está estabelecendo uma nova experiência de vida daquele casal. Você percebe? *Cancelar* é declarar que algo não tem mais validade, e *estabelecer* é declarar que outra coisa é colocada no lugar daquilo que se cancelou.

Por isso é o que pregador diz que, por duas declarações de Jesus Cristo, o *primeiro* foi cancelado e o

segundo foi estabelecido. Que *primeiro* é cancelado, e que *segundo* é estabelecido? Do que o texto está falando, afinal? Não é de sacrifícios? Ou melhor, da oferta do sangue de touros e bodes como um sacrifício a Deus? É claro que *primeiro* é o sacrifício que o povo de Israel oferecia, antigamente; e, *segundo*, é o sacrifício do corpo de Jesus Cristo.

O Sangue de Jesus Cristo

Mas, você não está falando da oferta do sangue de touros e bodes? Onde entra o corpo de Jesus Cristo como um sacrifício? Porém, você não pode se esquecer que, para oferecer o sangue de um animal era preciso matar o corpo desse animal para tirar-lhe o sangue. É assim que o corpo de Jesus Cristo é mencionado, pois é de dentro dele que o sangue seria retirado para ser oferecido a Deus como um sacrifício. Além disso, você não pode se esquecer, também, que foi por meio do seu corpo que Jesus Cristo viveu no mundo de forma agradável a Deus, e é por isso que seu corpo é tão importante para essa história.

Se todo esse entendimento está certo, preste atenção em algumas coisas, agora!

Primeira: Se Jesus Cristo ofereceu seu corpo a Deus para que seu sangue fosse utilizado como um sacrifício, ele fez

uma das coisas mais maravilhosas que um ser humano pode fazer por outro ser humano: ELE SE DEU! Ele deu a sua vida humana. Ele fez isso porque quis! Não como os animais, coitados, que não tinham nem vontade própria e nem sabiam o que estava acontecendo. Não! Jesus Cristo sabia, todo o tempo, o que estava fazendo e, certamente, porque estava fazendo.

Segunda: A doação de sua vida foi oferecida no lugar de todos os animais que ainda deveriam morrer para que eles não morressem mais! Assim, a matança contínua deixa de existir, porque ela não será mais necessária desde então. Claro, ele não morreu em lugar dos adoradores, mas em lugar dos animais.

Terceira: Como os animais morriam para que seu sangue fosse oferecido em sacrifício a Deus para a santificação dos adoradores, o corpo de Jesus Cristo foi oferecido no lugar dos animais para que seu sangue cumprisse essa função desde então. Jesus Cristo não apenas substituiu a matança dos animais, mas também a função que o seu sangue realizava. Agora, é o sangue que ele derramou que faz a santificação dos adoradores.

Quarta: O sangue foi ofertado pelo próprio Jesus Cristo a Deus! E isso aconteceu quando ele foi pregado na cruz e seu sangue foi derramado nela! No caso dos animais, o adorador deveria escolher o animal a ser morto e cujo sangue seria ofertado em sacrifício, levá-lo ao templo até

o sacerdote, que o mataria e ofereceria o seu sangue a Deus. No caso de Jesus Cristo, ele mesmo realizou esse processo. Ele mesmo deu o seu corpo, de onde o sangue foi retirado, e ele mesmo o ofereceu a Deus, como um sacerdote.

Conclusão

Veja que toda a situação tem a ver com a posição que Jesus assume para com os cristãos judeus. Ele ofereceu o seu sangue a Deus em favor deles para que eles se aproximassem de Deus para adorá-lo sem impureza alguma. É comum as pessoas dizerem que Deus obrigou ou impôs isso a Jesus Cristo. Ou que ele estava zangado com as pessoas e por isso castigou a Jesus Cristo. Ou que a morte de Jesus Cristo foi uma exigência de Deus para retirar as suas impurezas. As coisas não são bem assim! O que Jesus Cristo fez se encaixa perfeitamente na necessidade de santificação dos adoradores de Deus, e é por eles que ele deu a sua vida, ou melhor, o seu sangue. E você deve pensar, com cuidado e carinho, no enorme valor da vida humana que Jesus Cristo ofereceu a Deus, pois ela tem tudo a ver conosco.

Claro que existe o outro lado nessa história, que é o de Deus. Pois, afinal, se Deus não via com bons olhos a oferta do sangue de animais em sacrifício, por outro lado,

aceitou a oferta do sangue de Jesus Cristo. Mas, isso, é algo que vamos ver nos versos 11 a 14, a seguir.

Lição 12

HEBREUS 10. 11-14: OS RESULTADOS DO SACRIFÍCIO DE JESUS CRISTO

Preste atenção em como se inicia o verso 11. Ele não está falando de sacrifício, mas daquele que o oferece: o sacerdote. Claro! Os sacrifícios não podem oferecer-se a si mesmos, eles precisam de alguém que o faça, e, nesse caso, trata-se do sacerdote. Já vimos isso anteriormente.

Agora, veja como o pregador usa as palavras: “diariamente” e “repetidamente” e “os mesmos”: “Dia após dia, todo sacerdote apresenta-se e exerce os seus deveres religiosos; repetidamente oferece os mesmos sacrifícios, que nunca podem remover os pecados.” (Hebreus 10:11) . É como se ele dissesse: “Para que esse serviço enfadonho se ele é totalmente inútil?” Depois, ele prossegue fazendo um contraste, isto é, comparando essa forma de fazer as coisas com uma outra, a qual, para ele, é bastante superior: “Mas quando este sacerdote acabou de oferecer, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus. (Hebreus 10:12).

O Sacrifício derradeiro

Bem, *este sacerdote*, ao qual ele se refere, você já deve imaginar quem seja. Exatamente! É Jesus Cristo! Veja a palavra que ele usa para falar do trabalho desse sacerdote: *Para sempre!* Comparado com o trabalho tristemente repetitivo dos demais sacerdotes do povo de Israel, até que o de Jesus Cristo é bem melhor! Pois quando ele assim fala, está mostrando que seu sacerdócio é muito superior nos seus resultados, sendo bastante útil aos adoradores.

E o que ele ofereceu uma única vez a Deus? Isso! Um único sacrifício em favor dos pecados! Isso o pregador já repetira no final do verso 10: “...oferecido uma vez por todas”. É, também, muito semelhante ao que ele disse no capítulo 9, verso 28: “assim também Cristo foi oferecido em sacrifício uma única vez, para tirar os pecados de muitos; e aparecerá segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam. “

Porém, preste atenção, agora, em algo que está escrito no verso 12, que estamos estudando. Ali, se menciona um tempo, um *quando*, que diz respeito ao momento quando Jesus Cristo ofereceu seu único sacrifício a Deus e em uma única vez: sua morte na cruz! O que aconteceu depois?

Bem, sabe-se, pela história dos Evangelhos, que Jesus Cristo morreu e foi sepultado. Depois, ele foi ressuscitado de entre os demais que estavam mortos e foi recebido por Deus na sua presença. Eles contam que os seus discípulos mais íntimos e, mesmo muitas outras pessoas, o viram ressuscitado. Depois de algumas semanas, eles não o viram mais. Eles contaram de algumas visões que identificaram a Jesus Cristo no céu, assentado à direita de Deus, isto é, em uma posição de governo, de autoridade. Como eles entendiam que Jesus Cristo deveria confirmar esse governo também sobre a terra e os seres humanos, passaram a falar que ele voltaria uma segunda vez exatamente para estabelecer esse governo.

É claro que Jesus Cristo estava assentado à direita de Deus é porque Deus o aceitou e recebeu à sua direita. Como tudo pertencia a Deus, também foi Deus quem deu a Jesus Cristo essa posição de governo e autoridade. Para o pregador, e seus ouvintes/leitores cristãos judeus, estava claro que após sua morte na cruz, na qual Jesus Cristo ofereceu a Deus o seu sangue, ele compareceu na presença de Deus e por ele foi aceito e recebido. Isso quer dizer que Deus também aceitou e recebeu aquilo que Jesus Cristo fizera, isto é, seu sangue em favor da purificação dos pecados dos que se aproximavam de Deus para adorá-lo.

Como a posição que Jesus Cristo possuiu desde então, à direita de Deus, não poderia ser mais cancelada, de igual modo, aquilo que ele realizou em favor dos adoradores não poderia mais ser revogado. Sendo assim, tem-se a maravilhosa declaração do verso 14: “porque, por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados.”

“Saíamos até ele!”

Existe, mesmo, uma afirmação ainda mais preciosa, aquela que se encontra no verso 18: “e acrescenta: "Dos seus pecados e iniquidades não me lembrarei mais". Onde essas coisas foram perdoadas, não há mais necessidade de sacrifício pelo pecado.” (Hebreus 10:17,18)

Diante do que foi dito acima, o que o pregador espera de seus ouvintes/leitores? O sumo sacerdote leva sangue de animais até o Santo dos Santos, como oferta pelo pecado, mas os corpos dos animais são queimados fora do acampamento. Assim, Jesus também sofreu fora das portas da cidade, para santificar o povo por meio do seu próprio sangue. Portanto, saíamos até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou. Pois não temos aqui nenhuma cidade permanente, mas buscamos a que há de vir.

Por meio de Jesus, portanto, ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor, que é fruto de lábios que confessam o seu nome. Não se esqueçam de fazer o bem e de repartir com os outros o que vocês têm, pois de tais sacrifícios Deus se agrada. (Hebreus 13:11-16)

O pregador descreve a situação do sofrimento e morte de Jesus Cristo de uma outra maneira, nos versos 11 e 12. O verso 11 conta a história de como o sumo sacerdote, após o animal ser morto, recolhia parte do seu sangue e o introduzia na presença de Deus. O corpo morto do animal era, logo a seguir, descartado, jogado fora em um lugar parecido com um lixão e ali ele era queimado. Retirado o seu sangue, ele não servia para mais nada.

O verso 12 conta que isso também aconteceu com Jesus Cristo. Você percebeu que o corpo de Jesus Cristo, pregado em uma cruz colocada fora dos muros internos da cidade de Jerusalém, foi importante porque é dele que o sangue foi retirado e levado para a presença de Deus.

Mas, há uma declaração importante no verso 13, na verdade, um apelo aos cristãos judeus. Como sair, se o sangue do animal era levado para dentro do templo pelo sumo sacerdote? Você percebe que, no caso dos cristãos judeus, eles não poderiam entrar no templo, pois eles confessavam o sangue que o sumo sacerdote Jesus Cristo

ofereceu. Por outro lado, o corpo de Jesus Cristo, de onde o seu sangue foi retirado, ficou fora do templo e fora mesmo de Jerusalém. Se eles fossem ser fiéis e coerentes com aquilo que confessavam, não poderiam ir para o templo, mas para a cruz! Por isso o apelo: “Saíamos até ele!”

Porém, o verso 11 nos informa que para fora do acampamento eram levados os corpos dos animais, corpos que não tinham mais nenhuma serventia, eram desprezados e queimados. Ora, se o corpo de Jesus Cristo ficou fora dos muros da cidade, ele também seria desprezível como aquele dos animais. Valorizar esse corpo crucificado era se identificar com todo esse desprezo e vergonha. Agora, você pode entender quando o apelo continua dizendo, no final do verso 13: “suportando a desonra que ele suportou”.

Suportar a desonra, ou vergonha, era identificar-se e aceitar o mesmo desprezo com que o corpo de Jesus Cristo foi tratado naquelas condições. Quando o verso 14 declara: “...não temos aqui nenhuma cidade permanente”, ele está dizendo acerca da atitude que os cristãos judeus deveriam tomar sem se sentirem culpados ou desamparados por isso. Sair da cidade era deixar para trás tudo o que ficava lá, às vezes, família, trabalho, amigos e muitas outras coisas.

Conclusão

Deixar a cidade de Jerusalém era afirmar que buscavam uma outra cidade, aquela que sucederia a Jerusalém. É para lá que os cristãos judeus deveriam dirigir-se, agora. E, enquanto para lá se dirigiam, o que deveriam fazer no caminho? Será que os sacrifícios acabaram para eles, já que tinham deixado o templo de Jerusalém?

Os versos 15 e 16 mostram que não foi exatamente assim. Há dois tipos de sacrifícios que eles deveriam continuar praticando, sempre por meio de Jesus Cristo, isto é, considerando que o sacrifício de Jesus Cristo é o maior: (1) confessar o nome do Senhor Jesus Cristo; (2) repartir os bens e posses com os demais que assim o fazem também são os sacrifícios que os cristãos judeus deveriam continuar a praticar daí por diante.

A oferta do sangue em sacrifício a Deus em favor do perdão dos pecados já havia sido feita e a prova estava lá fora da cidade de Jerusalém, sobre o monte chamado Calvário.

Conclusão Geral

E você pode perguntar: “O que devo fazer daqui para a frente?” E a resposta você saberá se ler o capítulo 10, versos 19 a 22. O que esses versos dizem?

Primeiro - ele fala de uma *ousadia* resultante de uma certeza, uma segurança. É preciso ter coragem para entrar no Santo dos Santos, aquele lugar onde ninguém, nem do povo de Israel nem dos cristãos judeus, ofereceriam o sangue santo o suficiente que lhes garantisse a pureza necessária. Mas, os cristãos judeus agora o possuem. É o sangue de Jesus Cristo!

Segundo - esse sangue não está separado do seu corpo e, então, da vida que ele viveu e que foi tão agradável a Deus. Entre o adorador e o Santo dos Santos havia uma cortina, um véu. Ele devia atravessá-lo se quisesse chegar até Deus. A vida que Jesus Cristo viveu em seu corpo até a morte na cruz e que foi recebido por Deus na sua presença, o coloca em contato direto e permanente com Deus mesmo para sempre! Esse caminho que Jesus Cristo fez para Deus é pelo qual todo cristão judeu poderia percorrer para, igualmente, perceber-se na presença mesma de Deus!

Terceiro - ele faz, então, uma linda declaração: “Temos, pois, um grande sacerdote!” E você já percebeu, pelo

estudo anterior, o quão grande ele é! E esse grande ou sumo sacerdote o é “sobre a casa de Deus”. Todos aqueles cristãos judeus sabiam que a casa de Deus era o seu templo, o lugar onde ele morava. Mas, também, eles sabiam que, às vezes, a casa de Deus era o próprio povo de Israel. Então, o lugar onde Deus morava, o seu templo, não era tanto um prédio lindo, feito de pedras, mas o próprio povo, era feito de gente! É sobre essa casa, e para essa casa, feita de gente, que Jesus Cristo se tornou um grande sacerdote.

Quarto - e para quê? Para que os cristãos judeus se aproximassem de Deus! Lembre-se que, afinal de contas, é para isso que serve todo o estudo que o pregador desenvolveu até aqui com os seus ouvintes/leitores. É para isso, enfim, para viver para Deus é que toda essa história foi contada.

E quanto a você? Consegue perceber isso também? Você quer se aproximar de Deus por meio desse grande sacerdote, que fez tão grande doação de si mesmo para que isso fosse possível para você? Ser um cristão, não importa se judeu ou brasileiro, é ter essa fé! Não qualquer fé, mas *essa fé!* Pois sem essa fé: “... é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam.” (Hebreus 11:6).

